



Projeto de Desenvolvimento Liderado pela Juventude para a Gestão Participativa nas Escolas

Compêndio de orientações para a implementação

Referência do Projeto

612175-EPP-1-2019-1-PT-EPPKA3-IPI-SOC-IN



Contents

Introdução	5
Ano 1 2020.2021	7
Six Principles of Online Participation - Tim Davies (2011)	8
Five Stages model of online participation - Gilly Salmon (2000)	11
EAR Model - EAR Project (2020)	14
Finnish Model - Youth Participation in Finland (2011)	16
Participation Tree Model (Harry Shier 2010)	18
The Participation Tree Model (Harry Shier 2010)	21
Ano 2 2021.2022	24
Council of Europe - RMSOS Framework - Council of Europe (2003)	26
The CLEAR Participation Model - Lawndes & Pratchett (2006)	27
yMIND MODEL- yMIND Project (2016)	28
5 STAGES MODEL of ONLINE PARTICIPATION - Gilly Salmon (2000)	30
CLEAR Participation Model- Lawndes & Pratchett (2006)	32
Seven realms of participation - Francis & Lorenzo (2002)	37
Seven realms of participation - Francis & Lorenzo (2002)	39

Introduction

O projeto BePart – Desenvolvimento Liderado pela Juventude para a Gestão Participativa nas Escolas (Projeto n.º 612175-EPP-1-2019-1-PT-EPPKA3-IPI-SOC-IN) desenvolveu, implementou e avaliou um método inovador focado na participação dos jovens, que foi implementado e testado em escolas de Portugal, Espanha, Grécia e Letónia, promovendo uma educação inclusiva, assim como competências de cidadania e a capacitação dos jovens. A ideia do projeto baseia-se em princípios democráticos e na pedagogia da cidadania ativa.

O ponto central deste projeto é o conceito de desenvolvimento liderado pelos jovens, que os coloca no centro da sua própria mudança, desenvolvimento e crescimento. Desafiámos alunos entre os 13 e os 15 anos, vindos de contextos sociais desfavorecidos, a participarem no processo de tomada de decisão das suas escolas. Através da sua participação, os alunos adquiriram e desenvolveram as suas competências cívicas, capacitação e, por fim, a inclusão social. Através da implementação da metodologia BePart, para além do seu desenvolvimento e crescimento, os alunos também atuaram como agentes de mudança inovadora e positiva no processo de gestão das suas escolas. Eles conseguiram-no através da implementação de iniciativas baseadas nos Modelos de Participação dos Jovens (MPJ), disponíveis aqui. Os alunos aprenderam a identificar e analisar os seus problemas, a criar um plano de ação, a definir regras básicas numa comunidade pequena e a avaliar os resultados das suas iniciativas. Os MPJ foram testados durante 2020/2021 e 2021/2022. Devido à pandemia de Covid-19 e aos confinamentos, o primeiro ano de implementação foi realizado a distância, tendo sido um desafio para alunos e professores. No entanto, apesar das restrições e desafios da aprendizagem a distância, os alunos conseguiram testar os MPJ de forma muito interessante e produtiva:

- Durante o Ano Um da fase-piloto, eles utilizaram teatro, tecnologia e ferramentas de participação para resolver problemas como o desrespeito de colegas e outras pessoas na escola, as competências sociais pouco desenvolvidas, especialmente durante a pandemia, o cyberbullying e a baixa segurança na Internet.
- Durante o Ano Dois da fase-piloto, eles utilizaram metodologia inclusiva, workshops sobre não violência e ferramentas de colaboração para resolver questões relacionadas com a igualdade de géneros, a participação baixa e a inclusão, assim como as dificuldades de aprendizagem e os desafios da vida escolar.

São muitas as lições aprendidas com este processo complexo de envolver os alunos na tomada de decisões das suas escolas e torná-los ativos nas questões institucionais em vários – e diferentes – contextos educativos.

- É necessário repensarmos o facto de que, em alguns sistemas educativos nos países parceiros, a participação dos alunos é institucionalizada apenas como uma discussão em turma a cada três meses. É necessário dar aos alunos verdadeiros direitos de participação.

- De forma a consegui-lo, é necessário mudar a cultura de cada sistema educativo/escola: alunos, professores, pais e decisores políticos devem reconhecer o direito de participação de cada agente educativo.

- Os alunos desfavorecidos foram aqueles que mais beneficiaram, tendo desenvolvido as suas competências de pesquisa e apresentação, e aprendido sobre como participar democraticamente, falar inglês, ultrapassar a sua timidez, etc.

- Alguns exemplos de boas práticas devem ser divulgados: alunos que têm de gerir uma pequena parte do orçamento escolar, que se manifestam em relação a uma campanha municipal ou nacional e que têm a oportunidade de se encontrarem pessoalmente com decisores políticos, alunos que criam uma campanha de vídeo, etc.

- Devemos incluir atividades de aprendizagem experimentais no currículo escolar, uma vez que estas demonstraram ser essenciais para o desenvolvimento pessoal dos alunos.

- Através da implementação da metodologia BePart, para além do seu desenvolvimento e crescimento, os alunos também atuaram como agentes de mudança inovadora e positiva no processo de gestão das suas escolas.

Este Compêndio reúne vários guias desenvolvidos por alunos que implementaram os MPJ nos últimos dois anos, fornece orientações e dicas e partilha boas práticas sobre como implementar estes modelos noutras escolas e sobre os benefícios deste tipo de participação para a cultura escolar.



Ano 1
2020.2021

País	Modelo de participação dos jovens	Desafio da escola
Portugal	Os Seis Princípios da Participação Online – Tim Davies (2011)	Cyberbullying
Grécia	O modelo das cinco etapas da participação online – Gilly Salmon (2000)	Segurança na Internet
Espanha	Modelo EAR – Projeto EAR (2020)	Como utilizar o teatro e o diálogo para falar sobre questões que nos preocupam na escola
Letónia	Modelo da Árvore da Participação – Harry Shier (2010)	Melhorar a Participação dos Jovens na Escola
	Modelo da Árvore da Participação – Harry Shier (2010)	Competências de Socialização a Distância
	Modelo da Árvore da Participação – Harry Shier (2010)	Competências nas TIC e Socialização a Distância

Os Seis Princípios da Participação Online

Tim Davies (2011) Cyberbullying - PORTUGAL

De que trata este modelo?

Baseia-se na Convenção sobre os Direitos da Criança da ONU.

Os seis princípios são:

1. Apoiar os cidadãos digitais – o objetivo é proporcionar interações online inovadoras e éticas e estimular mudanças eficazes;
2. Capacitar os jovens – proporcionar experiências online seguras e positivas;
3. Fazer face aos riscos – ter processos e políticas claros e adequados?????
4. Promover a resiliência – reconhecer situações online em que há riscos e criar me-

- canismos para superar os mesmos;
5. Proporcionar espaços positivos – criar oportunidades para experiências em espaços online adequados à idade dos participantes – questões de consentimento, privacidade, segurança, etc.
6. Criar serviços adequados a jovens: parcerias entre jovens e adultos na definição da idade adequada de acesso aos serviços digitais.

(Manual dos MPJ, p. 40).

Porque escolhemos este modelo?

- Durante o confinamento, este modelo ofereceu uma base para a participação online
- Ajudou bastante na comunicação online
- Foi um apoio nas interações entre alunos



O que fizemos?

Pesquisámos vídeos sobre direitos das crianças e cyberbullying. Identificámos situações online de risco e criámos um pequeno folheto digital/ebook para informar outros alunos sobre os seus direitos no que respeita à privacidade e consentimento. Para realizar um vídeo/cartaz sobre cyberbullying, criámos um concurso, tendo elaborado as suas regras e promovido o mesmo através do Facebook <https://www.facebook.com/esp.f.edu.pt> e YouTube https://www.youtube.com/watch?v=pMeDsQj-wnw&ab_

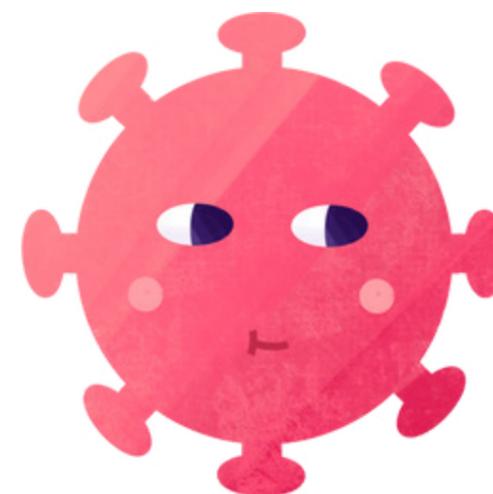
[channel=AdelinaSilva](#).

Enviámo-lo por email para os delegados e subdelegados da escola para que estes promovessem o concurso junto dos seus colegas. Pedimos também a colaboração do professor de TIC.

Recolhemos as bandas desenhadas e/ou textos e publicámo-los nos canais de comunicação da escola – página do Facebook, canal do YouTube e Instagram <https://www.instagram.com/esp.f.403374/> do projeto BePart. Veja o nosso ebook aqui <https://online.pubhtml5.com/wuga/nibb/#p=1>

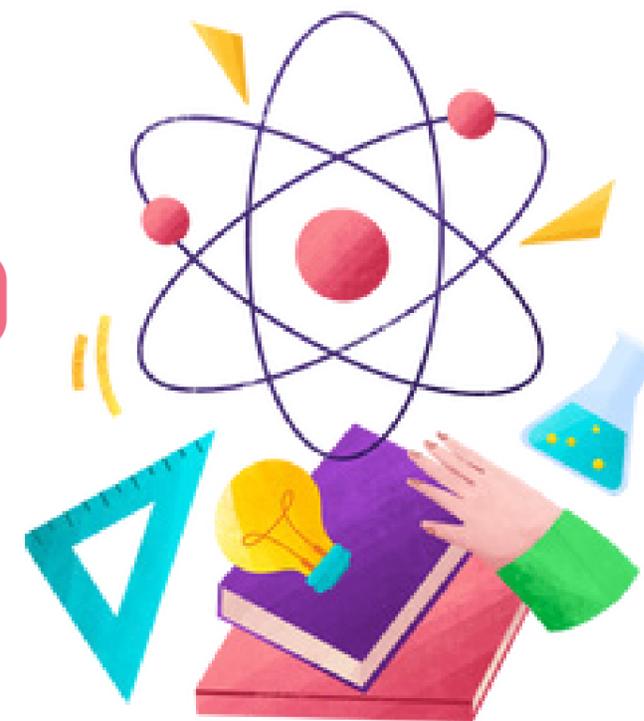
Que soluções encontramos?

- Reuniões online frequentes
- Ajuda de professores de outras turmas



Que dificuldades enfrentámos?

- Devido à pandemia de COVID-19, foi difícil concretizar as atividades propostas que envolviam outras turmas.
- O tempo disponível foi também um constrangimento (foi difícil encontrar um horário propício para todos, e reunir aos fins de semana).
- Os alunos pertenciam a diferentes turmas com horários diferentes
- Marcar uma reunião foi um processo moroso



Este modelo foi bem-sucedido?

Acreditamos que o modelo que escolhemos foi bem-sucedido. Notámos que desenvolvemos novas competências, como a capacidade de resolução de problemas, o pensamento criativo, o trabalho em equipa, a capacidade de tomada de decisões, e

competências de comunicação e liderança. Acreditamos que conseguimos promover a consciencialização para o cyberbullying. Não tivemos nenhum incidente na nossa escola, embora tenhamos estado todos online durante o ano letivo, e estivéssemos a contar com incidentes.

Quanto tempo necessitámos para a implementação?

Necessitamos de cinco meses para implementar o nosso modelo. Cada reunião online durou uma a duas horas, e realizámos várias reuniões.

Quais foram os nossos melhores momentos/destaques durante a implementação do modelo? De que forma aumentámos a nossa participação?

Gostámos de fazer os cartazes, o vídeo, o concurso e também das reuniões com as outras escolas. Também gostámos do processo de storytelling.

O que mudaríamos se tivéssemos de implementar novamente o modelo?

Talvez devéssemos definir desde o início um fuso horário para trabalhar no projeto. Achamos que se tivéssemos a oportunidade de realizar mobilidade de alunos, a nossa motivação teria sido maior.

Quais são as nossas recomendações?

Incluir projetos como este no currículo escolar. Trabalhar em grupos pequenos de alunos, dado que todos devem ser ouvidos. Os alunos necessitam de sentir que este projeto é o seu projeto para que sejam

ativos e se envolvam. É necessário reservar algum tempo do horário dos alunos para o projeto, precisamos disto para desenvolver mais projetos.

O modelo das cinco etapas da participação online

Gilly Salmon (2000)

Internet Safety - PORTUGAL

De que trata este modelo?

É um modelo concebido para a construção de comunidades online. Neste modelo, os membros devem comunicar principalmente em modo online.

- Fase 1 – Acesso e motivação: os alunos são encorajados a juntar-se à comunidade.
- Fase 2 Socialização online – Os participantes vivem e socializam online e criam a base da sua própria micro comunidade (WhatsApp? Ou outra comunidade - blog?).
- Fase 3 – Intercâmbio de informação, tare-

fas colaborativas com um moderador digital.

- Fase 4 – Construção de conhecimento – Os alunos tomam o controlo da sua aprendizagem, interagem e aprendem uns com os outros.

- Fase 5 – Desenvolvimento – Os alunos podem desenvolver ideias a partir das suas atividades digitais e aplicá-las e integrá-las no seu contexto.

(Manual dos MPJ, p. 20).

Porque escolhemos este modelo?

A segurança na Internet era um dos assuntos mais importantes durante o confinamento e queríamos desenvolver este tema.

Pensámos que seria importante que todos soubessem quais são os riscos de estar muitas horas online e falar com pessoas muitas vezes desconhecidas.

O que fizemos?

- Seleccionámos vídeos para promover a discussão de assuntos relacionados com a segurança na Internet.
- Criámos cartazes ou campanhas online – utilizando ferramentas digitais.
- Colocámos vídeos na página de Facebook da escola <https://www.facebook.com/espfe.edu.pt> e no canal do YouTube xxxxxxxx, onde todos podem deixar comentários. Também colocámos toda a informação recolhida num blog no Google xxxxxxxxxxxx.
- Criámos um questionário sobre cyberbullying.

<https://erasmusbeartferreira.blogspot.com/2021/04/survey-of-students-participation.html>

- Criámos uma comunidade online de alunos BePart utilizando o Discord/Instagram <https://www.instagram.com/terms/unblock/?next=/api/v1/discover/ayml/>

Implementámos o questionário na nossa escola, recolhemos os resultados e processámos os dados.

- Por fim, apresentámos as nossas conclusões recorrendo ao Prezi e outros softwares.

Que dificuldades enfrentámos?

- Devido à pandemia de COVID-19, foi difícil concretizar as atividades propostas que envolviam outras turmas. O tempo disponível foi também um constrangimento.
- O tempo foi um grande constrangimento para alunos e professores.

Que soluções encontramos?

- Reuniões online frequentes
- Ajuda de professores de outras turmas

Este modelo foi bem-sucedido?

Acreditamos que o modelo que escolhemos foi bem-sucedido. Notámos que desenvolvemos novas competências, como a capacidade de resolução de problemas, o pensamento criativo, o trabalho em equipa, a capacidade de tomada de decisões, e competências de comunicação e liderança.

No final, todos os alunos ficaram conscientes dos riscos da Internet e porque devem ter cuidado ao utilizá-la. Aprendemos como utilizar as nossas fotos e outras informações pessoais. Aumentámos a nossa consciência e competências, como muitos de nós admitiram.

Quanto tempo necessitámos para a implementação?

Necessitamos de cinco meses para implementar o nosso modelo. Foram realizadas reuniões frequentes em grupos pequenos.

Quais foram os nossos melhores momentos/ destaques durante a implementação do modelo? De que forma aumentámos a nossa participação?

Gostámos de trabalhar em conjunto neste projeto, dado que os alunos se interessaram especialmente pelo jogo sobre cyberbullying e a escape room. Gostámos também de trabalhar com alunos de outras turmas.

Ficámos satisfeitos por conseguir aumentar o número de alunos (e pais!) envolvidos no projeto. Melhoraram as relações entre os elementos da nossa equipa.

O que mudaríamos se tivéssemos de implementar novamente o modelo?

Deveríamos ter agendado mais tempo. Achamos que se tivéssemos a oportunidade de realizar mobilidade de alunos, a nossa motivação teria sido maior.

Quais são as nossas recomendações?

Encontrar um assunto que seja interessante para os alunos. Dar-lhes a oportunidade de serem ouvidos. Deixá-los agendar, planear e estar envolvidos. Tentar adaptar um modelo teórico adequado ao seu contexto e necessidades. Seguir as orientações, mas interpretá-las de forma mais específica.



Modelo EAR - Projeto EAR (2020)

Como utilizar o teatro e o diálogo para falar sobre questões que nos preocupam na escola – GRÉCIA

De que trata este modelo?

O Modelo EAR propõe a utilização do teatro e de métodos dialéticos socráticos para nos permitir expressar opiniões e sentimentos sobre questões sociais e assuntos que nos preocupam, partilhar opiniões dentro

do nosso grupo e encontrar maneiras de resolver os nossos problemas. Pode encontrar mais informação sobre este assunto (**Manual dos MPJ, p. 46**).

Porque escolhemos este modelo?

Na nossa escola, tínhamos de resolver problemas de falta de respeito por parte dos alunos em relação aos seus colegas, professores e instalações escolares. Reparámos que a falta de consciencialização

dos nossos colegas para estas questões era muito elevada. Através da utilização deste modelo, pretendemos perceber as várias opiniões sobre esta situação e encontrar em conjunto maneiras de reagir de forma positiva.

O que fizemos?

- Seleccionámos a nossa equipa, incluindo alunos de diferentes contextos socioeconómicos. Dividimos as tarefas entre todos e cada um de nós ficou responsável por uma parte da implementação.
- Elaborámos um questionário e pedimos a opinião de todos os nossos colegas em relação a estes comportamentos desrespeitosos. Colocámos questões, tais como: que problemas consideram que existem na

escola, como é que eles vos afetam, o que sabemos sobre estes problemas, que soluções podemos implementar, etc.

- Com o apoio dos nossos professores, organizámos sessões no recreio, nas quais tivemos de recorrer ao role playing e ao teatro-fórum para expressar os nossos sentimentos e pensamentos e discutir diferentes soluções.
- Elaborámos cartazes com estas soluções e colocámo-los nas paredes da escola.
- Debatemos as nossas soluções com o Conselho de Alunos, a Associação de Pais e a Associação de Professores.
- Tomámos decisões concretas e realizámos atividades para melhorar as instalações da escola (e.g. contribuimos para pintar as paredes das salas de aula, promovemos as atividades de reciclagem, etc.).
- Saímos da escola e fomos falar com as pessoas na Câmara Municipal e noutras escolas vizinhas.



Que dificuldades enfrentámos?

Infelizmente, tivemos de implementar este modelo durante a pandemia de COVID-19. A pandemia foi um grande obstáculo, uma vez que, durante bastante tempo, apenas pudemos comunicar através da Internet.

Este modelo foi bem-sucedido?

Estamos satisfeitos com o impacto do nosso projeto porque vimos mudanças significativas na nossa escola. O Modelo EAR pode ser utilizado por outros grupos de alunos em diferentes contextos, uma vez que todos conseguimos trabalhar com técnicas teatrais. Para medir este impacto, utilizámos questionários, focus groups, o Mentimeter e o AnswerGarden.

Que soluções encontramos?

- Coordenação cuidadosa
- Reuniões online frequentes
- Esperar pelo momento certo para a implementação



Quanto tempo necessitámos para a implementação?

Se quiserem implementar este modelo, as nossas recomendações são as seguintes:

Se o grupo de alunos for pequeno (até 8 alunos), é possível a implementação em três ou quatro meses.

Se o grupo de alunos for maior (9 a 20 alunos), é necessário todo o ano letivo, ou seja, sete a oito meses. Se o trabalho for feito online, podem ser necessários cinco meses para completar todas as atividades.

O que mudaríamos se tivéssemos de implementar novamente o modelo?

- Teria sido bom termos tido dois grupos diferentes de alunos para a implementação ao longo do ano letivo.
- Teria sido útil termos apresentado o

projeto a todas as turmas da escola.

- Teria sido vantajoso abordar diferentes problemas sociais e escolares para que toda a gente possa ver os resultados desta metodologia.

Quais são as nossas recomendações?

Se quiserem implementar este modelo, as nossas recomendações são as seguintes:

- Convençam as vossas escolas a dedicar tempo nas aulas a explorar e discutir questões sociais que vos preocupem, para que não tenham de o fazer depois da escola.
- Não ultrapassem prazos.
- Estabeleçam regras básicas; trabalho em equipa, boa comunicação e atribuição de

tarefas.

- Os obstáculos podem ser ultrapassados através do foco, paciência e reuniões online regulares.
- Documentem tudo o que fizeram em cada semana na plataforma Jamboard.
- Se trabalharem online, poderá ser necessário reunirem-se presencialmente para a realização dos métodos teatrais (aconselhável).

Modelo Finlandês – Participação dos Jovens na Finlândia (2011)

Melhorar a Participação dos Jovens na Escola – ESPANHA

De que trata este modelo?

Este modelo cria uma dinâmica que nos ajuda a estarmos mais confortáveis ao expressar a nossa opinião num grupo de pessoas. As nossas opiniões são partilhadas com todos os outros grupos e, à medida que a dinâmica avança, as nossas opiniões são complementadas e reforçadas pelas contribuições e sugestões de cada um. O Modelo Finlandês tenta trabalhar com grupos pequenos de alunos e focar-se neles e não nos professores. Pode encontrar mais informação sobre este assunto **(Manual dos MPJ, p. 43)**.



Porque escolhemos este modelo?

O problema principal na nossa escola era a falta de participação dos alunos e apercebemo-nos disso ao pedirmos a opinião de diferentes professores e alunos. Escolhemos este modelo porque pensamos que a nossa voz não se fazia ouvir o suficiente.

O que fizemos?

- Criámos uma equipa de professores e alunos utilizando o website da nossa escola para apresentar o projeto e espalhar a palavra.
- Com o apoio dos nossos professores, organizámos formas de nos conectarmos com os nossos colegas e realizámos sessões de debate em grupo para identificar problemas sociais.
- Houve debates presenciais e online em pequenos grupos (e em grupos maiores na segunda ronda) para que chegássemos às questões importantes que queríamos incluir e criássemos ferramentas de monitorização.
- A questão principal foi “porque é que o

sistema não permite que expressemos verdadeiramente a nossa voz?”

- Tivemos uma reunião todos os meses, no entanto, as decisões não foram partilhadas com ninguém. De seguida, cada decisão foi partilhada com a direção da escola e tivemos de partilhar com toda a gente.
- Numa fase seguinte, partilhamos a responsabilidade de utilizar o orçamento escolar (cerca de 1000 euros por ano) e isto fez-nos sentir que estávamos a participar de forma mais dinâmica.
- Por fim, estas ferramentas também foram úteis para avaliar as nossas ações neste projeto.

Que dificuldades enfrentámos?

Infelizmente, tivemos de enfrentar a pandemia de COVID-19. Não pudemos encontrar-nos presencialmente muito frequentemente. No início, notámos também falta de interesse e de tempo para participar. Algumas pessoas não estavam confiantes que pudessem fazer ouvir a sua voz, mas conseguimos convencê-las à medida que o projeto se desenrolou.

Que soluções encontramos?

- Maior motivação quando nos foi permitido gerir um orçamento
- Reuniões online frequentes
- Os professores não nos guiaram e por isso tiveram um papel secundário. Os alunos tinham mais para partilhar e desenvolveram as competências de que necessitavam para liderar reuniões, o projeto e todos os seus processos.

Este modelo foi bem-sucedido?

Estamos satisfeitos com o impacto do nosso projeto, uma vez que nos ajudou a crescer e a saber tirar partido de várias ferramentas que podem ser utilizadas na nossa escola para promover a participação dos alunos. Concluímos que tivemos sucesso porque

nos sentimos líderes na nossa pequena comunidade. A equipa do projeto são alunos que agora se sentem confiantes e mais fortes para gerir os problemas na escola e também participar em qualquer processo em conjunto com os professores.

Quanto tempo necessitámos para a implementação?

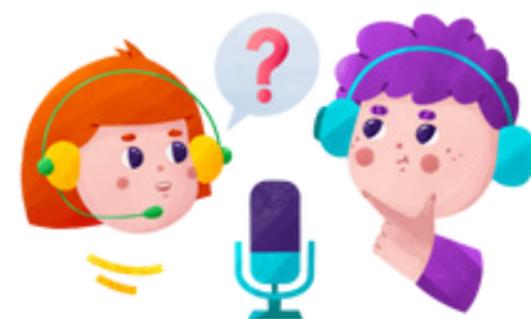
Necessitámos de cerca de cinco meses para concluir todas as fases de implementação deste modelo. Realizámos reuniões a cada duas semanas e cada reunião durou pelo menos uma hora.

What would we change if we had to implement the model again?

É necessário envolver mais as famílias dos alunos. Gostaríamos de ter incluído outros professores da escola. A participação é um conceito que se relaciona com a sociedade e todos os membros da comunidade devem estar envolvidos.

Which are our recommendations?

Demorou um mês para que conseguíssemos organizar tudo, mas recomendamos a outros alunos que definam o seu plano de ação e prazos, tendo em conta os recursos disponíveis. Isto deve ser feito antes do início da implementação.



Modelo da Árvore da Participação (Harry Shier 2010)

Competências de Socialização a Distância – LETÓNIA

De que trata este modelo?

O modelo da Árvore da Participação foca-se em atividades práticas, o que permite que todos os participantes estejam igualmente envolvidos, de acordo com as suas capacidades.

O modelo consiste num tronco que representa o autoconhecimento dos alunos enquanto membros da sociedade e

detentores de direitos. De seguida, seguem-se os ramos, onde os alunos desenvolvem a participação ativa de acordo com o seu conhecimento. O nível seguinte são as folhas da árvores, onde os direitos são analisados, e no final há frutos, que representam a dignidade, igualdade, direitos humanos, desenvolvimento e paz.

(Manual dos MPJ, p. 36).

Porque escolhemos este modelo?

Na nossa escola, tínhamos de enfrentar e superar a falta de comunicação entre nós e a diminuição da motivação para a aprendizagem. Percebemos que, por causa da pandemia de COVID-19, os alunos começaram a sentir-se deprimidos e

solitários. Queríamos melhorar a vida escolar e as atividades sociais.

Este modelo permite termos a consciência dos nossos papéis nas relações coletivas. Apresenta oportunidades na área dos direitos. E o benefício serão as relações de respeito e a participação em grupo e na sociedade.

O que fizemos?

- Seleccionámos a nossa equipa, incluindo alunos com diferentes contextos socioeconómicos. As atividades foram implementadas em conjunto com o Centro Olímpico de Valmiera e o seu treinador de motivação para o desporto, alguns professores e o município.
- Dividimos as responsabilidades pelos alunos para que todos participassem.
- Definimos algumas regras básicas em conjunto. Estas foram: i) se precisarem de ajuda – podem apenas falar e todos irão ajudar; ii) se virmos que alguém se está a cansar do projeto, vamos todos apoiar essa pessoa.
- Em cada equipa, decidimos que uma pessoa seria responsável por fazer os relatórios.

- Passámos pela fase do “tronco” – um processo de aprendizagem para aumentar a nossa consciência enquanto membros da sociedade.
- Na fase dos “ramos”, trabalhamos os problemas de comunicação.
- Na fase das “folhas”, assumimos papéis relevantes enquanto educadores e representantes da comunidade.
- Trabalhámos com um psicólogo escolar e um educador social da comunidade local, com a Associação de Pais da escola e com a direção escolar.
- Na fase dos “frutos”, conseguimos criar e participar em eventos digitais com “netiqueta” e respeito (“Voice in Mask”).

Que dificuldades enfrentámos?

The COVID-19 pandemic was a challenge not only in learning but also in bringing the classroom together.

We encountered learning difficulties in the digital environment: lack of courage to express oneself, not enabling peers in the process, as well as cyberbullying.

Que soluções encontramos?

- Reuniões online frequentes.
- Conselhos do psicólogo, ensinamentos.
- Ensinamentos do educador social/vídeos sobre educação social.

Este modelo foi bem-sucedido?

Nós e os nossos mentores estamos muito satisfeitos com o processo e o impacto dos resultados. Acreditamos que o nosso modelo teve um resultado positivo e pode ser utilizados por outros grupos em contextos diversos. Os questionários, os focus groups, os debates em grupo e as reuniões online foram utilizados no processo de avaliação. O processo de implementação do modelo teve sucesso porque as competências de comunicação foram visíveis: participámos em eventos e processos de aprendizagem sobre o respeito mútuo, aprendemos como dar a nossa palavra e também nos avaliámos mutuamente.

Quanto tempo necessitámos para a implementação?

Necessitamos de um ano para implementar o nosso modelo. A participação em atividades durou seis meses, tendo havido reuniões e eventos.



Quais foram os nossos melhores momentos/destaques durante a implementação do modelo? De que forma aumentámos a nossa participação?

Os temas foram muito relevantes e todos se envolveram no projeto e adoraram a experiência. O que mais gostámos foram os

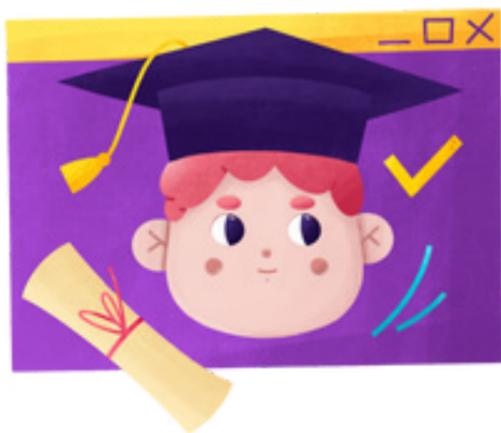
eventos, nos quais nos sentimos seguros. Nunca iremos esquecer a ansiedade quando abordámos pessoas fora do nosso círculo habitual.

O que mudaríamos se tivéssemos de implementar novamente o modelo?

Gostaríamos de ter colaborado mais com outros colegas da escola.

Which are our recommendations?

- Se quiserem implementar este modelo, as nossas recomendações são as seguintes:
- Convençam a vossa escola a dedicar mais tempo em aula para o projeto. Este modelo irá tornar os alunos mais conscientes das coisas que são importantes para eles.
- Primeiro identifiquem problemas/questões a tratar na vossa comunidade e depois procurem soluções.
- Definam regras básicas que garantam que todos são ouvidos e incentivados.



Modelo da Árvore da Participação (Harry Shier 2010) Competências de Socialização a Distância – LETÓNIA

De que trata este modelo?

O modelo da Árvore da Participação foca-se em atividades práticas, o que permite que todos os participantes estejam igualmente envolvidos, de acordo com as suas capacidades. O modelo consiste num tronco que representa o autoconhecimento dos alunos enquanto membros da sociedade e detentores de direitos. De seguida, seguem-se os ramos,

onde os alunos desenvolvem a participação ativa de acordo com o seu conhecimento. O nível seguinte são as folhas da árvore, onde os direitos são analisados, e no final há frutos, que representam a dignidade, igualdade, direitos humanos, desenvolvimento e paz.

(Manual dos MPJ, p. 36).

Porque escolhemos este modelo?

Na nossa escola, tínhamos de enfrentar e superar a falta de comunicação entre nós e a diminuição da motivação para a aprendizagem. Percebemos que, por causa da pandemia de COVID-19, os alunos começaram a sentir-se deprimidos

e solitários. Queríamos melhorar a vida escolar e as atividades sociais na nossa escola, reforçar o conhecimento das TIC e desenvolver a aplicação de programas, independentemente das capacidades de cada um.

O que fizemos?

- Seleccionámos a nossa equipa, incluindo alunos com diferentes contextos socioeconómicos. As atividades foram implementadas em conjunto com o Centro Olímpico de Valmiera e o seu treinador de motivação para o desporto, alguns professores e o município.
- Dividimos as responsabilidades pelos alunos para que todos participassem.
- Definimos algumas regras básicas em conjunto. Estas foram: i) se precisarem de ajuda – podem apenas falar e todos irão ajudar; ii) se virmos que alguém se está a cansar do projeto, todos vamos apoiar essa pessoa.



- Em cada equipa, decidimos que uma pessoa seria responsável por fazer os relatórios.
- Passámos pela fase do “tronco” – um processo de aprendizagem para aumentar a nossa consciência enquanto membros da sociedade.
- Na fase dos “ramos”, o nosso grupo trabalhou com competências nas TIC e problemas de comunicação.
- Na fase das “folhas”, assumimos papéis relevantes enquanto educadores e representantes da comunidade.
- Trabalhámos com um psicólogo escolar e um educador social da comunidade local, com Associação de Pais da escola e com a direção escolar.



Que dificuldades enfrentámos?

A pandemia de COVID-19 foi um desafio, não só para a aprendizagem, mas também para manter a turma unida e ter tempo e vontade para debater e trabalhar em conjunto.

Que soluções encontrámos?

- Reuniões online frequentes
- Intercâmbio de experiências
- Sessões de formação
- Os alunos praticaram e ensinaram os colegas
- Trabalho individual

Este modelo foi bem-sucedido?

Nós e os nossos mentores estamos muito satisfeitos com o processo e o impacto dos resultados. Acreditamos que o nosso modelo teve um resultado positivo e pode ser utilizados por outros grupos em contextos diversos. Comunicámos a nossa experiência aos professores e estes puderam ajudar outros alunos. Os professores usam novas ferramentas das TIC nas suas aulas, aprendem a trabalhar com elas e aumentam o seu

conhecimento. As outras turmas seguiram o nosso exemplo e realizaram atividades extracurriculares. Esta formação e tempo livre partilhados permitiram-nos criar laços e sentir-nos seguros. Para o processo de avaliação, utilizaram-se questionários, focus groups, debates em grupo e reuniões online. Este processo mostrou que a cooperação teve muito sucesso no contexto da pandemia.

Quanto tempo necessitámos para a implementação?

Necessitamos de um ano para implementar o nosso modelo. Realizou-se uma reunião a cada duas semanas, durante uma hora, mas se fosse necessário, no caso de haver dúvidas, comunicávamos com mais frequência.

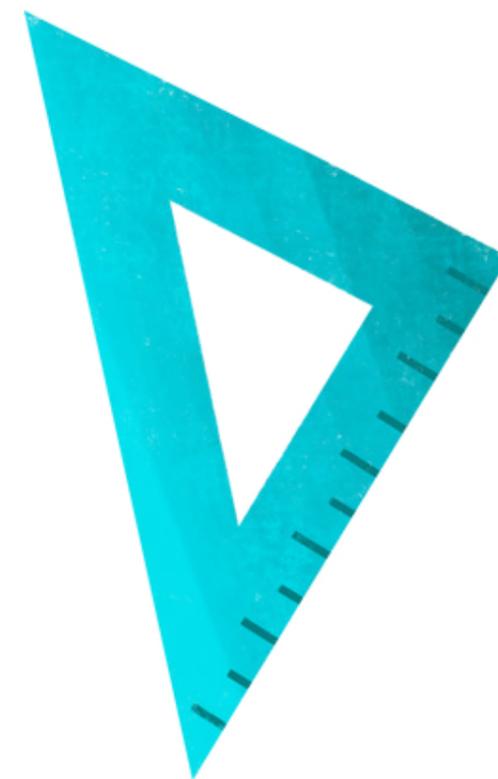
Quais foram os nossos melhores momentos/destaques durante a implementação do modelo? De que forma aumentámos a nossa participação?

Os temas foram muito relevantes e todos se envolveram no projeto e adoraram a experiência. Gostámos de nos ver e ouvir uns aos outros, jogar jogos em conjunto e adquirir

novas competências. Nunca iremos esquecer a nossa ação coletiva “Bals mask”, uma vez que foi necessário assumirmos a responsabilidade devido a problemas técnicos.

O que mudaríamos se tivéssemos de implementar novamente o modelo?

No ensino a distância, foi difícil concordar com um horário comum, foi necessário lembrar a reunião. Se fosse uma reunião presencial, teria sido mais fácil encontrar um dia e hora após as aulas. Os horários das reuniões deveriam ter sido cumpridos com mais precisão.



Quais são as nossas recomendações?

Se quiserem implementar este modelo, as nossas recomendações são as seguintes:

- Convençam a vossa escola a dedicar mais tempo em aula para o projeto. Este modelo irá tornar os alunos mais conscientes das coisas que são importantes para eles.
- Primeiro identifiquem problemas/questões a tratar na vossa comunidade e depois procurem soluções.
- Definam regras básicas que garantam que todos são ouvidos e motivados.





Ano 2
2021.2022

País	Modelo de participação dos jovens	Desafio da escola
Portugal	Conselho da Europa – Quadro RMSOS – Conselho da Europa (2003)	De passivo a ativo
	O Modelo de Participação CLEAR – Lawndes & Pratchett (2006)	O Futuro Eu
Grécia	Modelo yMIND – Projeto yMIND (2016)	Como utilizar workshops para promover a inclusão e a não violência
	O MODELO DAS CINCO ETAPAS da PARTICIPAÇÃO ONLINE – Gilly Salmon (2000)	Como utilizar as Comunidades Online para promover a inclusão e a não violência
Espanha	O Modelo de Participação CLEAR – Lawndes & Pratchett (2006)	Melhorar a Participação dos Jovens na Escola
	Sete áreas da participação – Francis & Lorenzo (2002)	Preservar para o Futuro
Letónia	Sete áreas da participação – Francis & Lorenzo (2002)	Tempo Livre ao Ar Livre

Conselho da Europa – Quadro RMSOS – Conselho da Europa (2003) De Passivo a Ativo – PORTUGAL

De que trata este modelo?

Este modelo pode ser descrito de forma breve através de cinco fatores principais.

- DIREITO: Os jovens têm o direito a falar e a serem ouvidos.
- MEIOS: A exclusão económica é real e o processo de participação perde credibilidade se alguns jovens forem impedidos de participar.
- ESPAÇO: Uma referência ao espaço sig-

nifica o acesso a uma localização física, mas também representa disponibilidade temporal para fazer as coisas.

- OPORTUNIDADE: As barreiras da exclusão devem ser identificadas e removidas.
- APOIO: O apoio significativo à participação dos jovens surge de muitas formas (as iniciativas estruturais referidas acima, o compromisso político, etc.).

(Manual dos MPJ, p. 24).

Porque escolhemos este modelo?

Nós, os alunos envolvidos no projeto “De Passivo a Ativo”, sentimos que o problema mais urgente que a nossa escola enfrenta é que a maioria das metodologias de ensino não são desafiantes e não captam o nosso interesse, transformando as aulas em momentos aborrecidos...

Preferimos metodologias ativas e um ensino mais lúdico com recursos como as novas tecnologias, e com desafios que nos tornem

mais ativos e envolvam a colaboração e projetos em grupo.

Acreditamos que este modelo é o mais adequado para responder às seguintes questões:

- Qual é o nosso papel no processo de ensino?
- O que podemos fazer para mudar o ensino atual e os paradigmas da aprendizagem?
- Como podemos contribuir para esta mudança?

O que fizemos?

- Pedimos aos nossos professores que estão disponíveis para implementar metodologias ativas com mais frequência para colaborarem com o apoio da biblioteca da nossa escola (através da colaboração entre o professor da biblioteca e os outros professores).
- Pedimos aos nossos colegas de turma que pensassem em grupo sobre as questões expostas previamente.
- Como concluímos que muitos de nós tinham dificuldades em comportar-se (autocontrolo,

foco, autonomia, responsabilidade) e em aprender, falámos com o psicólogo da escola, que veio fazer duas sessões com a turma (uma na sala de aula e outra no exterior) para trabalharmos estas competências.

- Pedimos ao Diretor para agendar uma reunião entre o nosso grupo e o Vereador da Educação para lhe perguntarmos se havia possibilidade de a Câmara Municipal investir em recursos tecnológicos para equipar a escola.

Que dificuldades encontramos?

- Um horário escolar preenchido, sem muito tempo para o projeto.
- O nível de exigência do projeto em relação à idade dos alunos.
- Planear o projeto.
- Falta de tempo dos alunos e professores.

Este modelo foi bem-sucedido?

Acreditamos que o modelo que escolhemos foi bem-sucedido. Notámos que temos mais confiança e novas competências, tais como a comunicação, liderança, tomada de decisões e resolução de problemas.

Que soluções encontramos?

- Os alunos e professores utilizaram muito do seu tempo pessoal para implementar o projeto.



Quanto tempo necessitámos para a implementação?

Necessitamos de um ano escolar para implementar o nosso modelo. Tivemos reuniões regulares e cada uma delas durou pelo menos duas horas.

Quais foram os nossos melhores momentos/ destaques durante a implementação do modelo? De que forma aumentámos a nossa participação?

Este modelo pode ajudar os jovens a compreenderem a importância de fazerem ouvir a sua voz, após refletirem e tomarem decisões, e perceberem que existem

especialistas que podem guiá-los e ajudá-los no caminho que querem seguir, assim como políticos que podem e devem levar em conta as suas sugestões.

O que mudaríamos se tivéssemos de implementar novamente o modelo?

Após termos escolhido e compreendido o modelo a ser utilizado na resolução do problema identificado pelos jovens, promoveríamos uma reunião com todas as estruturas/pessoas

participantes, i.e., uma reunião semelhante a uma reunião de disseminação, que neste caso seria para explicar os objetivos e entrar em acordo sobre dinâmicas de uma forma mais eficaz e menos fragmentada.

Quais são as nossas recomendações?

Para aqueles que querem implementar o modelo do Quadro RMSOS, recomendamos que, em primeiro lugar, os alunos compreendam bem em que consiste o modelo e, em segundo lugar, que sigam a estratégia indicada na questão anterior.

Modelo de Participação CLEAR – Lawndes & Pratchett (2006)

O Futuro Eu - PORTUGAL

De que trata este modelo?

Este modelo pode ser descrito de forma breve através de cinco fatores principais.

- o C – ser capaz de fazer (can do)
- o L – gostar (like to)
- o E – estar capacitado(a) (enabled to)
- o A – participar (asked to)
- o R – ter respostas (responded to)

Estes cinco fatores possibilitam a

participação impactante e significativa. É selecionado pela administração escolar o tópico que os alunos irão trabalhar e sobre o qual irão tomar decisões. É preparada uma tabela com cinco colunas com os fatores CLEAR, o estado atual da escola é analisado e são definidos os projetos a implementar.

(Manual dos MPJ, p. 37).

Porque escolhemos este modelo?

O problema da nossa escola passava pelos alunos não terem escolhido o percurso para a sua carreira e desenvolvimento pessoal, uma vez que não sabiam as suas necessidades e expectativas quanto aos

seus empregos futuros. Necessitávamos de ter algumas conclusões após termos reunido com profissionais. Tínhamos de ter um modelo para chegarmos a estas conclusões.

O que fizemos?

- Elaborámos um plano de ação.
- Apresentámos o projeto “O Futuro Eu” e solicitámos autorização e colaboração para a sua implementação.
- Fizemos um inquérito sobre orientação vocacional a todos os alunos do 9º ano.
- Realizámos uma apresentação em vídeo sobre o estado do processo na nossa escola.
- Propusemos a participação dos alunos do 9º ano no projeto Aprendiz por um Dia do Município de Paços de Ferreira.
- Organizámos um pequeno evento para o alunos e professores de mobilidade da Grécia e Espanha e para os parceiros

da equipa BePart da Mentortec e da Universidade do Porto-CIIE.

- Organizámos sessões informativas com pessoas com diferentes profissões. Apresentámos o projeto a toda a comunidade.



Que dificuldades enfrentámos?

- Houve dificuldades em conciliar os horários para trabalho colaborativo com os diferentes parceiros e profissionais.
- O nível de exigência do projeto em relação à idade dos alunos.
- Planear o projeto.
- Falta de tempo dos alunos e professores.

Que soluções encontramos?

- Os alunos e professores utilizaram muito do seu tempo pessoal para implementar o projeto.
- O município foi o coordenador das reuniões com os profissionais.

Este modelo foi bem-sucedido?

Acreditamos que o modelo que escolhemos foi bem-sucedido. Notámos que temos mais confiança e novas competências, tais como a comunicação, liderança, tomada de decisões e resolução de problemas.

Quanto tempo necessitámos para a implementação?

Necessitámos de cinco meses para implementar o nosso modelo.



Which were our best moments/highlights during the model implementation? In which ways we have increased our participation?

Conhecemos os colegas da Grécia e Espanha, e isso irá ficar nas nossas memórias, assim como o trabalho que realizámos em conjunto. Iremos recordar as visitas que realizámos a diferentes contextos profissionais.

O que faríamos se tivéssemos de implementar novamente o modelo?

A única coisa que mudaríamos seria a calendarização. Necessitávamos de mais tempo para implementar projetos tão bons como este.

Quais são as nossas recomendações?

Aplicar um projeto como este no currículo principal, quer em Educação para a Cidadania, ou nas sessões de Orientação Profissional com psicólogos e outros professores e funcionários.

Modelo yMIND – Projeto yMIND (2016)

Como utilizar workshops para promover a inclusão e a não violência – GRÉCIA

De que trata este modelo?

O Modelo yMIND baseia-se num projeto participativo inovador que promove uma melhor inclusão social das crianças e jovens imigrantes recém-chegados e de etnia cigana, através de uma educação

abrangente sobre diversidade em contextos escolares e comunitários. Também promove a igualdade de género e previne a violência de género, o bullying e a discriminação. **(Manual dos MPJ, p. 48).**

Porque escolhemos este modelo?

Após um debate exaustivo, a equipa do projeto concluiu que os principais problemas que enfrentamos na nossa escola são:

discriminação, minorias, estereótipos, igualdade de género e bullying. A minoria de etnia cigana queixa-se frequentemente de discriminação.

O que fizemos?

- Seleccionámos a nossa equipa do projeto, incluindo alunos de diferentes contextos socioeconómicos. Esta incluiu 15 alunos vindos de diferentes contextos sociais, económicos e culturais, com dificuldades de aprendizagem, de ambos os géneros, três alunos mentores do ano anterior e quatro professores.
- Seleccionámos dois LOP (Líderes de Opinião Pública) da comunidade cigana e do Conselho de Alunos.
- A equipa do projeto realizou reuniões semanais, e em cada uma delas implementou um workshop experimental. No final de cada workshop houve uma avaliação dos resultados e uma discussão. As ações foram registadas num Jamboard, que funcionou como um diário.
- Após termos concluído os workshops

incluídos no Modelo yMIND, a equipa escolheu os workshops a implementar em cada turma da escola.

- A equipa elaborou um cartaz e realizou um concurso de poesia para aumentar a consciencialização de toda a comunidade escolar.
- Debatemos as nossas soluções com o Conselho de Alunos, a Associação de Pais e a Associação de Professores.
- Apresentámos os resultados do projeto ao Município de Pallini (evento de pequena escala), aos alunos, professores e pais (evento de grande escala na escola), e aos alunos, professores e decisores políticos (participação num evento de grande escala organizado pelas duas Direções de Ensino Secundário).

Que dificuldades enfrentámos?

- A large number of experiential workshops had to be implemented in a short period of time.

Que soluções encontramos?

- Coordenação cuidadosa
- Reuniões online frequentes

Este modelo foi bem-sucedido?

Estamos satisfeitos com o impacto do nosso projeto porque teve consequências importantes na comunidade escolar e contribuiu para o desenvolvimento das capacidades dos alunos. Houve mudanças na maneira de pensar dos alunos que participaram no projeto e daqueles que fazem parte da comunidade escolar. Observaram-se também mudanças no comportamento da minoria cigana. Os workshops contribuíram

para aumentar a consciencialização do grupo de alunos e dos alunos da escola sobre questões de violência, igualdade de género e diversidade, uma vez que houve discussão e interação entre alunos e estes ouviram com atenção a opinião uns dos outros. Para além disso, o nosso cartaz e concurso de poesia contribuíram para o resultado acima descrito. Para medir este impacto utilizámos Focus Groups.

Quanto tempo necessitámos para a implementação?

Se quiserem implementar este modelo, as nossas recomendações são as seguintes:

- Se o grupo de alunos for pequeno (até 15 alunos), é possível a implementação em quatro meses.
- Se o grupo de alunos for maior (mais do que 15 alunos), é necessário todo o ano letivo, ou seja, sete a oito meses.
- Se o trabalho for feito online, podem ser necessários cerca de cinco meses para completar todos os workshops.



O que mudaríamos se tivéssemos de implementar novamente o modelo?

- Mais tempo de discussão após cada workshop.
- Mais tempo para a disseminação do modelo (mais tempo para a implementação dos workshops em cada turma).

Quais são as nossas recomendações?

Se quiserem implementar este modelo, as nossas recomendações são as seguintes:

- Estabeleçam regras básicas; trabalho em equipa, boa comunicação e atribuição de tarefas.
- Os obstáculos podem ser ultrapassados através do foco, paciência e reuniões online

regulares.

- Documentem tudo o que fizeram em cada semana (e.g. na plataforma Jamboard).
- Se trabalharem online, poderá ser necessário reunirem-se presencialmente para a realização de alguns workshops (aconselhável).

O modelo das cinco etapas da participação online – Gilly Salmon (2000)

Como utilizar as Comunidades Online para promover a Inclusão e a Não Violência – GRÉCIA

De que trata este modelo?

O “Modelo das cinco etapas da participação online” – Gilly Salmon (2000) inclui princípios fundamentais que foram implementados globalmente para promover maneiras totalmente colaborativas de aprendizagem e participação online.

(Manual dos MPJ, p. 20)



Porque escolhemos este modelo?

Todos participámos ativamente na escolha de um modelo de participação dos jovens (MPJ) que fosse interessante para a equipa do projeto e para a comunidade escolar, uma vez que vemos este projeto como uma grande oportunidade para ver mudanças positivas

na nossa escola. A equipa do projeto tinha competências para criar uma comunidade online no Instagram e uma campanha online, com recurso a ferramentas de colaboração online, sobre questões como a igualdade de género, inclusão e não violência.

O que fizemos?

- Seleccionámos a nossa equipa do projeto, incluindo alunos com diferentes contextos socioeconómicos. Esta incluiu 15 alunos vindos de diferentes contextos sociais, económicos e culturais, com dificuldades de aprendizagem, de ambos os géneros, três alunos mentores do ano anterior e quatro professores.
- Construímos uma comunidade online be_part.gr no Instagram.
- Publicámos um vídeo promocional do projeto na nossa comunidade online no Instagram.
- Publicámos fotos dos workshops experimentais dos alunos inseridos no

projeto e da comunidade escolar.

- Durante a mobilidade em Atenas, criámos cartazes sobre diversidade, bullying e consciência das questões de género e publicámo-los no Instagram.
- Durante a mobilidade em Atenas, gravámos um vídeo relacionado com o impacto nos alunos do projeto BePart do ERASMUS+ KA3, e publicámo-lo na conta de Instagram be_part.gr.
- Criámos um cartaz para o concurso de pintura e poesia.
- Informámos os nossos alunos e os seus pais sobre a existência da conta de Instagram para aumentar os seguidores da nossa comunidade online.

Que dificuldades enfrentámos?

- Tivemos de criar a comunidade online num curto intervalo de tempo

Que soluções encontramos?

- Coordenação cuidadosa
- Reuniões online frequentes

Este modelo foi bem-sucedido?

Estamos satisfeitos com o impacto do nosso projeto porque teve consequências importantes na comunidade escolar e contribuiu para o desenvolvimento das capacidades dos alunos. Os alunos criaram uma comunidade online com 85 seguidores e isto foi bastante satisfatório para eles, em paralelo com a criação de vídeos e cartazes. A publicação de vídeos, fotos e cartazes atraiu os nossos seguidores, e isto pode ser estimado pelas visualizações e gostos. Através desta comunidade online, foi promovido o concurso de cartazes e poesia sobre a violência. A

comunidade online contribuiu para aumentar a consciencialização do grupo de alunos e dos alunos da escola sobre questões de violência, igualdade de género e diversidade.

Para medir este impacto utilizámos Focus Groups.

O “Modelo das cinco etapas da participação online” – Gilly Salmon (2000) pode ser utilizado por outros grupos de alunos num contexto diferente, se estes tiverem familiarizados com as plataformas e ferramentas online.

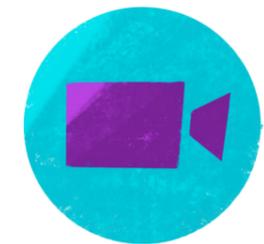
Quanto tempo necessitámos para a implementação?

Se os alunos já conhecerem as ferramentas e plataformas online, demora pouco tempo a criar uma base para a comunidade online. Leva algum tempo a criar uma comunidade

online através da captação de seguidores. Se os alunos não conhecerem as ferramentas e plataformas online, os professores devem explicar-lhes, e isso leva tempo.

O que mudaríamos se tivéssemos de mudar novamente o modelo?

Mais tempo para criar mais cartazes e vídeos.



Quais são as nossas recomendações?

Se quiserem implementar este modelo, as nossas recomendações são as seguintes:

- Estabeleçam regras básicas; trabalho em equipa, boa comunicação, coordenação e atribuição de tarefas.

• Os obstáculos podem ser ultrapassados através do foco, paciência e reuniões online regulares.

• Documentem tudo o que fizeram em cada semana (e.g. na plataforma Jamboard).

O Modelo de Participação CLEAR – Lawndes & Pratchett (2006)

Melhorar a participação dos jovens na escola -ESPANHA

De que trata este modelo?

O modelo tenta desenvolver uma participação cada vez maior dos cidadãos nas organizações. Cada letra de CLEAR tem um significado neste processo.

A primeira letra do acrónimo CLEAR, o C, significa “ser capaz de fazer” (can do). Afinal, antes se conseguir medir o sucesso do projeto de participação, deve-se garantir que os cidadãos têm as competências e ferramentas necessárias para participarem. No modelo CLEAR, o L significa “gostar” (like to). Para uma participação bem-sucedida no projeto, deve-se promover a consciencialização do mesmo e convencer os cidadãos a envolverem-se. O E em CLEAR significa “estar capacitado(a)” (enabled to). Para que os cidadãos participem, deverão ser criadas oportunidades para tal. O A em CLEAR significa “participar” (asked to). Por fim, o R em CLEAR significa “ter respostas”

(responded to). “para que as pessoas participem, elas têm de acreditar que vão ser ouvidas e, se nem sempre se concordar com a sua opinião, pelo menos devem estar numa posição em que os seus pontos de vistas são tidos em conta.”

(Manual dos MPJ, p. 37)



Porque escolhemos este modelo?

1. Pensámos no contexto específico da nossa escola, que pode ser descrito da seguinte forma:

Escolhemos um modelo relevante para encorajarmos os alunos.

Acreditamos que o modelo que escolhemos aborda um problema real na nossa escola porque tem vários recursos para todos os alunos que não querem participar. Pode descrever-se este modelo como algo que permite a evolução dos recursos dos alunos e possibilita que todos tenham responsabilidades e se sintam membros da comunidade.

2. Pensámos sobre diferentes aspetos

práticos da sua implementação. O modelo que escolhemos é realista em termos de gestão de tempo, clareza e eficácia.

Tivemos a aprovação de todos membros da equipa, num total de 7 pessoas.

No entanto, os membros que não concordaram apoiaram a implementação, colaborando com toda a gente.

3. Pensámos que conseguiríamos apoio de pelo menos alguns membros da nossa comunidade escolar, como a direção, e alguns professores, incluindo Quique Vergara e Suzanne Davis. E, claro, da gestão da escola, Sandra Entrena e Montse Ballarín.

Pensámos até em pedir apoio de outros

O que fizemos?

- Durante a nova fase do nosso projeto, definimos onde, como e quando poderíamos envolver mais pessoas, nomeadamente professores e alunos do 6º ao 10º ano. Pensámos em convidar os representantes dos alunos, i.e., os conselhos de alunos, de cada turma e de toda a escola.
- Convidámos diferentes clubes e grupos na nossa escola, como o El Meu Primer Vot. A associação de professores da nossa escola ajudou-nos com as sessões informativas e com a organização das votações. Pensámos também convidar o pessoal da administração escolar e o diretor, e por isso tivemos algumas reuniões com a direção

escolar. Mesmo o pessoal administrativo e os auxiliares participaram de certa maneira no planeamento da ideia que os alunos decidiram implementar no recreio.

- Fora do contexto escolar, pensámos em convidar os representantes do Município que cooperam com as escolas locais, mas não tivemos a oportunidade de os incluir. Também planeámos convidar algumas instituições locais que são relevantes para os nossos objetivos, mas não conseguimos reunir com elas. Existem também algumas grandes empresas e PME (Pequenas e Médias Empresas) que têm como objetivo a responsabilidade social e quisemos abordá-las.

Que dificuldades enfrentámos?

Ter tempo para reunir. Por fim, o horário escolar foi alterado para que conseguíssemos reunir.

No início, nem todos os alunos estavam confiantes em relação à ideia do projeto, e trabalhamos muito para aumentar a sua confiança no modelo que escolhemos no grupo principal.

Que soluções encontramos?

- Maior motivação quando nos foi permitido gerir um orçamento
- Encontrar aliados na equipa de professores
- Mais participação dos alunos em cada decisão.



Este modelo foi bem-sucedido?

Sim. Ter um objetivo específico a cumprir ajuda muito no processo. Melhorar a área de descanso (algo muito interessante para os alunos), um aspeto importante do nosso dia a dia, foi um dos fatores de sucesso.

Quanto tempo necessitámos para a implementação?

Necessitámos de cerca de nove meses para completar todas as fases de implementação deste modelo. Realizámos reuniões semanais e cada reunião durou pelo menos uma hora. Elaborámos um projeto específico para melhorar a área de descanso da nossa escola.

Quais foram os nossos melhores momentos/destaques durante a implementação do modelo? De que forma aumentámos a nossa participação?

O intercâmbio com os alunos de Portugal e da Letónia foram os nossos melhores momentos. E eles impulsionaram a motivação e participação.

O que mudaríamos se tivéssemos de implementar novamente o modelo?

Pensamos que é importante realizar todo o processo num intervalo de tempo menor.

Quais são as nossas recomendações?

1. Discutimos e avaliamos se o objetivo pretendido do nosso Modelo de Participação dos Jovens (MPJ) foi alcançado, e após a análise do trabalho que realizámos, o objetivo foi finalmente atingido e aquilo que falta para o completar é ter um grupo de pessoas a trabalhar no mesmo e a verificar e ensinar as pessoas como trabalhar com ele.

2. Também observámos e avaliámos se a aplicação do modelo desenvolveu as nossas competências horizontais (i.e., resolução de problemas, pensamento criativo, competências de comunicação e liderança, entre outros): organização e motivação.

3. A nossa equipa está satisfeita com o resultado porque cumprimos o nosso objetivo, que foi ter uma reação da escola em relação às nossas preocupações e exigências. A comunidade escolar e a comunidade em geral estão satisfeitas porque trabalhámos bastante e mostrámos que somos capazes de fazer o que for necessário para obter o que os alunos querem.

4. Acreditamos que este é um modelo de qualidade que pode ser adaptado e adotado por outras escolas em diferentes contextos, dado que melhora as aulas e aumenta a participação dos alunos.



Os sete domínios do Modelo de participação – Francis & Lorenzo (2002)

Preservar para o Futuro - LETÓNIA

De que trata este modelo?

Este modelo é sobre esforços de participação. São discutidos os sete domínios ou abordagens à participação de crianças e jovens. Os autores caracterizam o domínio da defesa, romântico, das

necessidades, da aprendizagem, dos direitos, da institucionalização, e propõem um sétimo domínio, da proatividade, como formas mais integradoras e eficazes de envolver as crianças e jovens. **(Manual dos MPJ, p. 25).**

Porque escolhemos este modelo?

Escolhemos o modelo porque poderíamos compreender os contextos reais das ações. Poderíamos imaginar-nos como cientistas sociais, organizadores, alunos, cidadãos e adultos. Somos inspirados pelas tendências da sociedade juvenil, queríamos ter uma atitude responsável em relação ao recursos naturais.

O que fizemos?

- Criámos uma equipa de participantes, encorajando a participação de alunos vindos de diferentes contextos e com diferentes necessidades sociais.
- Trabalhámos com a direção escolar e a equipa extracurricular e desenvolvemos um plano para a criação de campanhas que promovessem a consciencialização para a necessidade de conservarmos os recursos naturais.
- Foram desenvolvidas sete campanhas de ação, tais como: "A moda dos pratos limpos", "Veste uma camisola", "Árvore de Natal".
- Participámos no workshop educativo no parque da natureza e tecnologia "URDA", onde aprendemos sobre como preservar recursos e separar resíduos.

- Organizámos um workshop de cocriação para criar sacos de tecido para cada família.



Que dificuldades enfrentámos?

A gestão do tempo foi um grande desafio devido ao horário preenchido dos alunos. Manter a participação mesmo quando as circunstâncias influenciadoras se alteram.

Que soluções encontramos?

- Regular a motivação, aumentar o interesse dos alunos.
- Integrar o projeto no currículo com a ajuda de outros professores.

Este modelo foi bem-sucedido?

O modelo foi bem-sucedido porque os alunos foram capazes de se afirmar como parte da sociedade e enquanto influenciadores da opinião.

Quanto tempo necessitámos para a implementação?

O projeto durou 8 meses.

O que mudaríamos se tivéssemos de implementar novamente o modelo?

Escolheríamos ou campanhas de ação, ou workshops de sacos para compras e sessões de formação, para reduzir a carga de organização.

Quais são as nossas recomendações?

- Integrar o conteúdo do projeto no horário dos alunos e, se possível, no currículo.
- Incluir temas pequenos, mas importantes para os alunos.



Os sete domínios da participação – Francis & Lorenzo (2002)

Tempo Livre ao Ar Livre LETÓNIA

De que trata este modelo?

Este modelo é sobre esforços de participação. São discutidas os sete domínios ou abordagens à participação de crianças e jovens. Os autores caracterizam o domínio da defesa, romântico, das necessidades, da aprendizagem, dos direitos, da institucionalização, e propõem um sétimo domínio, da proatividade, como formas mais integrativas e eficazes de envolver as crianças e jovens.

(Manual dos MPJ, p. 25).



Porque escolhemos este modelo?

Escolhemos o modelo porque poderíamos compreender os contextos reais das ações. Poderíamos imaginar-nos como cientistas sociais, organizadores, alunos, cidadãos e adultos.

O que fizemos?

- Criámos questionários e perguntámos aos membros da escolas quais eram os seus desejos atuais.
- Em cooperação com a Escola Desportiva de Valmiera, tentámos diferentes tipos de atividades adequadas às nossas necessidades. E escolhemos o Boccia como o desporto mais adequado às nossas

necessidades e condições.

- Em cooperação com o Conselho de Pais e a associação, desenvolvemos um projeto para a compra de equipamento desportivo e recebemo-lo da Associação Municipal de Valmiera.
- Após o torneio escolar, realizámos torneios nas nossas áreas residenciais.

Que dificuldades enfrentámos?

As maiores dificuldades foram encontrar oportunidades e continuar o projeto. Tivemos dificuldades na compra de equipamento quando a entrega foi adiada.

Que soluções encontramos?

- Tivemos o apoio de professores e pais que deram ideias e nos ajudaram a continuar com o projeto.
- Remarcámos o torneio várias vezes.

Este modelo foi bem-sucedido?

O modelo foi bem-sucedido porque conseguimos implementá-lo. Adquirimos equipamento desportivo, fizemos novos amigos enquanto jogávamos e fizemos parte de uma experiência social. A comunidade local também viu as ideias, necessidades e ações dos jovens de forma positiva.



Quanto tempo necessitámos para a implementação?

Trabalhámos com o modelo de novembro a junho, isto é, oito meses.

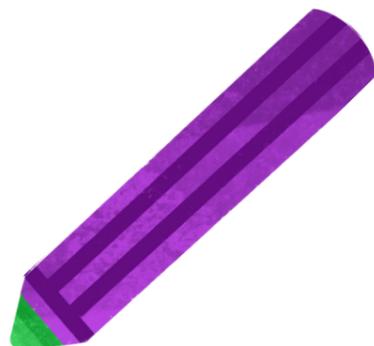
O que mudaríamos se tivéssemos de implementar novamente o modelo?

Deveríamos ter escolhido uma tarefa menor para estarmos menos ansiosos. Aquando da distribuição de tarefas, deveríamos ter escolhido duas pessoas responsáveis para termos apoio e ajudarmo-nos mutuamente.

Quais são as nossas recomendações?

Se quiserem implementar este modelo, as nossas recomendações são as seguintes:

- Será necessário incluir a calendarização do projeto no horário dos alunos.
- Elaborar um calendário.
- É necessária a divisão do trabalho e coordenação.
- Documentar tudo é um processo trabalhoso, principalmente no que diz respeito a redigir relatórios e recolher evidências.







www.bepart-project.eu



Cofinanciado pela
União Europeia

O apoio da Comissão Europeia para a produção desta publicação não constitui um aval aos conteúdos, que refletem apenas as opiniões dos autores, e a Comissão não pode ser responsabilizada por qualquer uso que possa ser feito das informações nele contidas (Projeto n.º 612175-EPP-1-2019-1-PT-EPPKA3-IPI-SOC-IN).